

# DETERMINANTES DA VITIMIZAÇÃO: BRASIL, CHILE E COLÔMBIA

DETERMINANTS OF VICTIMIZATION: BRAZIL, CHILE AND COLOMBIA

*Isabele Sales dos Anjos\**

*Eduardo Ramos\**

**Cite este artigo:** ANJOS, Isabele Sales dos. RAMOS, Eduardo. Determinantes da vitimização: Brasil, Chile e Colômbia. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.7-20, 15 julho 2015. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 15 de julho 2015.

**Resumo:** A violência latino americana apresenta características particulares, ainda assim ganha contornos próprios em cada país. Neste trabalho focaremos na análise do fenômeno da vitimização por crimes Brasil, Chile e Colômbia devido às características ímpares destes países em relação ao resto do grupo. Faremos uma análise temporal das taxas de homicídio usando como fonte os dados fornecidos pela PAHO (Organização Pan-Americana de Saúde), e conjuntamente a ela, analisaremos os dados de vitimização por outros tipos de crime, disponibilizados a partir do survey Latinobarômetro, com as quais buscaremos montar um panorama dos determinantes da vitimização por crimes nesses países.

**Palavras-chave:** Vitimização, Homicídio, Violência e América Latina.

**Abstract:** Latin-american violence presents particular traits, and yet it gains its own contours in each country. In this essay, we'll focus on analyzing the phenomenon of victimization for crimes Brazil, Chile and Colombia due to singular characteristics of this countries among the rest of the group. We will present a time analysis of homicide numbers using as data source the findings of PAHO (Pan-American Health Organization), and alongside it, analyze the victimization data on other modes of crime, available through Latinobarômetro survey, aiming to create a landscape of victimization determinants for crimes in those countries.

**Keywords:** Victimization, Homicide, Violence and Latin America.

**A** violência é um fenômeno que atinge em maior ou menor grau todo o mundo, no caso dos países latino americanos está cada vez mais presente, aumentando seu grau de interferência sobre o cotidiano das pessoas. O medo de ser vítima de algum crime é um elemento que habita a vida dos indivíduos, juntamente com os seus afazeres habituais. As pesquisas de vitimização por crimes nos permitem avaliar, entre outras, dimensões do perfil dos indivíduos que os tornam mais propensos a ela, o que contribui para a compreensão de dimensões importantes da manifestação da violência nas cidades. Assim, realizamos uma análise dos dados relativos à vitimização por homicídios e por crimes em geral a partir de uma

série temporal e, também, uma análise do perfil sociodemográfico de vítimas de delitos (como: roubo, agressão, furto, etc.) com base em um modelo de regressão logística; controlando as variáveis: sexo, raça, faixa etária, escolaridade, estado civil, situação ocupacional e percepção do nível socioeconômico.

Em razão das configurações da violência e da criminalidade na América Latina, alguns países se destacam seja pelos elevados números de homicídios seja pelas diversas incursões do Estado para a diminuição de crimes; outros, por suas baixas taxas de mortalidade ou pela elevada vitimização, tal como reportada nas pesquisas a este respeito. Desse modo, utilizamos o Brasil, a Colômbia e o Chile como objetos de nosso estudo, os dois primeiros países - Brasil e Colômbia - por possuírem um extenso histórico de violência, envolvendo altos índices de mortes violentas, alta fluidez do narcotráfico e diferentes experiências de políticas públicas de segurança para redução da criminalidade, e o Chile, que apesar de não apresentar o mesmo cenário de violência, possui altas taxas de vitimização, indicando uma elevada incidência de crimes por outros tipos de delitos.

Nos últimos 50 anos os países latinos passaram por diversas transformações sociais e políticas fazendo com que a violência nestes se desse de maneira diferente do resto do mundo (Soares, 2008). Homicídios, agressões, crimes contra o patrimônio ocorrem em todo o mundo, todavia na América Latina estes são influenciados pela presença de atores sociais específicos, relacionados diretamente com a fluência do narcotráfico e com formas de legitimação da violência em contextos diferentes que levam o fenômeno a assumir contornos próprios (RIBEIRO e IULIANELLI, 2000).

Imbricados nessa realidade destacamos três países: Brasil, Colômbia e Chile por possuírem características muito singulares do fenômeno. No Brasil o tráfico de drogas se massificou ao longo de décadas fazendo com que este tenha sido objeto de diversas políticas de segurança pública, ainda assim, sua presença resultou em ramificações sociais que se manifestam em diversos escopos da vida pública. (idem, 2000). O Chile tem se mantido como um dos países de menor taxa de mortes violentas do continente. Enquanto que, na Colômbia, apresenta-se um cenário não muito diferente do Brasil, talvez pela presença do comércio ilegal de drogas, que assumiu um caráter paramilitar, afetando a vida social de forma inefável, havendo uma elevada taxa de homicídios (VALLAVECES-IZQUIERDO, 2000).

Dito isso, para tentar compreender esse contexto, vamos analisar duas séries temporais: uma de homicídio e outra de vitimização, a fim de captar seus contornos. Em seguida, partimos para a observação dos determinantes da vitimização por outros crimes que não homicídios, de modo que possamos identificar os perfis de risco da vitimização no ano de 2009, a fim de detectar os grupos sociais mais vulneráveis.

## **1. Análise temporal descritiva dos dados de vitimização por homicídios e por crimes em geral**

Nas diversas análises realizadas sobre a violência, há uma preferência na utilização dos dados de homicídio, considerados dados mais confiáveis por serem oficiais e quase não sofrerem

de subnotificação. Entretanto, o número de homicídios sofre alterações de acordo com a fonte de coleta. Costumeiramente existem duas fontes, uma ligada à saúde e outra às autoridades policiais (CANO e RIBEIRO, 2009). Já os dados de vitimização, que são coletados através do contato direto com a vítima de crimes como roubo, furto, agressão e etc., servem como complemento a compreensão das dimensões não alcançadas pelos dados de homicídio, o que conjuntamente a ele corrobora para apreender a extensão do fenômeno da violência.

Um dos problemas encontrados na elaboração dos dados nacionais de homicídios é a diferença existente nas classificações. Enquanto a fonte policial está condicionada ao conceito jurídico de homicídio, ou seja, sujeita a interpretações difusas, que variam de acordo com a legislação penal nacional, a classificação do campo da saúde consegue abranger a unidade nacional de forma homogênea, tendo uma categorização universal do tipo de morte que poderá ser enquadrado como homicídio, baseada na Classificação Internacional de Doenças (CID) (CANO e RIBEIRO, 2009).

Sendo as informações da saúde a principal fonte utilizada em âmbito mundial, os pesquisadores costumam utilizar os dados da OMS - Organização Mundial de Saúde - e na América Latina o PAHO - Organização Pan-Americana de Saúde -, dada a sua abrangência. No entanto, mesmo que os dados dessas organizações possam abranger um número maior de países, ainda dependem das informações fornecidas pelas agências competentes de cada país, e em função disto, tanto a OMS quanto a PAHO demoram muito para coletar e processar a enorme quantidade de dados país por país.

Tendo consciência dos diversos implicativos que circundam a obtenção dos dados de homicídios, utilizamos os fornecidos pela PAHO (Organização Pan-Americana de Saúde), prezando pela homogeneidade da fonte, tornando possível a comparabilidade entre as taxas de homicídio dos três países observados. Os dados são referentes aos anos de 2001 a 2010. Assim, realizamos a partir destas informações uma série temporal, no entanto, diferentemente da análise dados de vitimização por crimes (como roubo, furto e etc.), dos quais estudamos alguns determinantes para avaliar um perfil de risco, como veremos a seguir, não realizamos a mesma para os crimes de homicídio, pois não foi possível encontrar uma base de dados homogênea aos três países.

O gráfico 1 apresenta o número de homicídios por 100.000 habitantes no Brasil, Colômbia e Chile entre os anos de 2001 e 2010. Nele, podemos observar que as taxas de homicídios mais altas são as da Colômbia e do Brasil, respectivamente, enquanto, as taxas de homicídios do Chile são as mais baixas dentre os três países, não ultrapassando mais do que 6 mortes a cada 100.000 habitantes em nenhum dos anos analisados na série temporal.

Na Colômbia – país que apresenta taxas de homicídios superiores a 50 por 100.000 habitantes [A1] –, entre 2001, 2002 e 2003 (79,91; 82,85 e 73,17, respectivamente), observamos que há uma tendência ao aumento dos números de homicídio no país. Em 2004, podemos observar uma pequena redução nas mortes violentas em relação aos anos anteriores (69,09). Já a partir de 2005 (57,8) é possível constatar uma queda nas taxas de homicídio colombianas, que

se manteve até o ano de 2008, que chegou a 55,07 homicídios para cada 100.000 habitantes. No ano de 2009 há um pico de 60,36 mortes por 100.000 habitantes, que decaí para 53,1 em 2010.

Segundo ÁLVAREZ, (2010), a redução dos homicídios do ano de 2010 (53,1) em relação a 2009 (60,36) dá-se pelas mudanças do perfil etário das vítimas de homicídio, que passaram a se concentrar na faixa que vai de 20 a 36 anos, anteriormente com predominância entre os mais jovens. E, um outro seria pela redução das mortes em áreas rurais, já iniciadas em 2009, apresentando uma variação negativa de 20,20%. Para GAWRYSZEWSK, SANHUEZA, MARTINEZ-PIEDRA, ESCAMILLA, e SOUZA, (2012), a queda nas taxas de homicídio na Colômbia, que vão do período de 2005 a 2008, se dão possivelmente por políticas governamentais implementadas e adoções de medidas de prevenção em algumas cidades que mantinham níveis muito elevados. Por exemplo, em Medellín, Colômbia, foi verificado maiores declínios nas taxas de homicídios em áreas de baixa renda onde foram realizados investimentos e intervenções na infraestrutura, comparativamente às áreas controle.

No Brasil, as taxas de homicídio não variam acima de 30 por 100.000 habitantes, no entanto, o número de homicídios permanece alto em relação a outros países da própria América Latina, como a Argentina e o Uruguai (que apresentam taxas inferiores a 6 mortes a cada 100.000 hab., segundo dados da PAHO 2010 [1]). Segundo WAISELFISZ, (2011), apesar das taxas de homicídio brasileiras permanecerem praticamente iguais[2] muita coisa parece ter mudado, a começar pelo aumento da “violência homicida” em áreas de menor densidade e peso demográfico, o que se espera dos grandes centros urbanos do país.

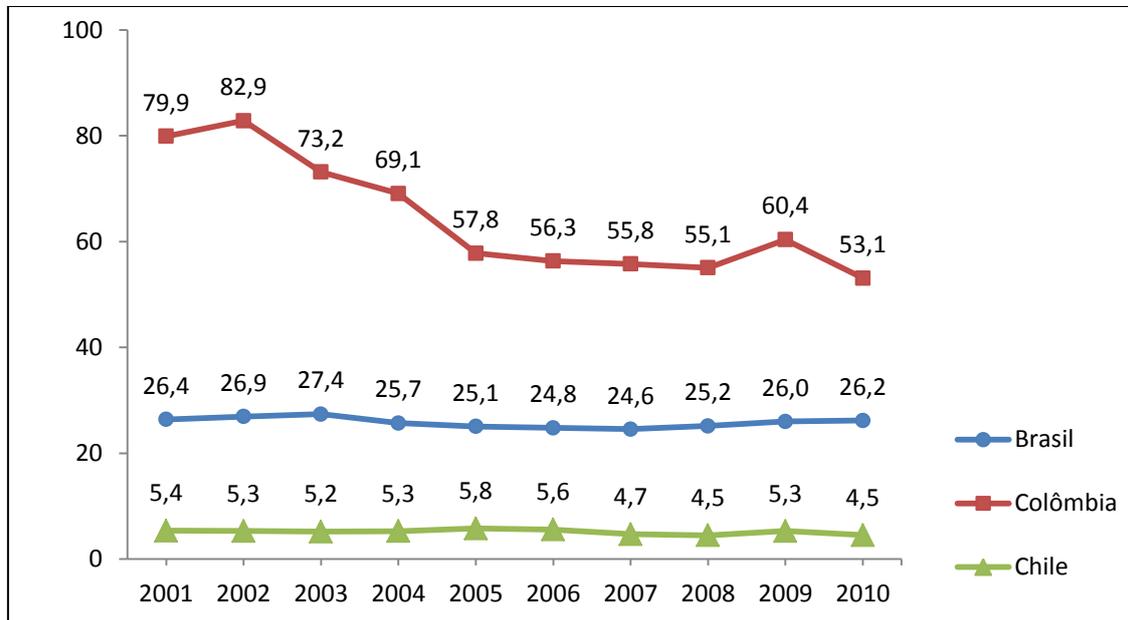
“Pela sua exposição na grande mídia esperava-se violência em Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília e pelas informações estatísticas da época, em Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais. Mas poucos, ou ninguém, poderia antecipar poucos anos atrás que Alagoas ou Pará fossem ocupar um lugar de grande destaque no panorama da violência do nacional.” (WAISELFISZ, 2011)

Considerando a população referente de cada ano, segundo as informações do PAHO, entre os anos de 2001 e 2010, passamos de 26,4 a 26,2, respectivamente. Apresentando variações de menos de 1% a.a. No ano de 2003 observamos a maior taxa da série histórica (27,41 por 100.000 habitantes), ainda que os quantitativos apresentem oscilações, aumentando um ano, caindo outro, o que denota uma situação de equilíbrio instável. Desse modo, vários fatores concomitantes e complexos parecem intervir na explicação dessas quebras e oscilações a partir de 2003: políticas de desarmamento, planos e recursos federais e estratégias de enfrentamento de algumas UF parecem atuar concomitantemente (WAISELFISZ, 2011).

No Chile, diferentemente dos outros países observados, as taxas apresentadas no período de 2001 a 2010 possuem poucas oscilações, 5,36 e 4,54, respectivamente, com variações de menos de 1% a.a., tal como o Brasil. É um dos poucos países da América Latina com baixas taxas de homicídio, juntamente com países como Argentina e Uruguai, chegando próximo, também, as taxas dos EUA. Apesar de possuir indicadores socioeconômicos e demográficos tão desfavoráveis quanto os do Brasil e da Colômbia, o Chile vem conseguindo manter taxas próximas à países considerados desenvolvidos e estabilizados na ordenação econômica

globalizada (GAWRYSZEWSK, SANHUEZA, MARTINEZ-PIEDRA, ESCAMILLA, e SOUZA, 2012).

Gráfico 1 – Taxas de Homicídio no Brasil, Colômbia e Chile entre os anos de 2001 e 2010



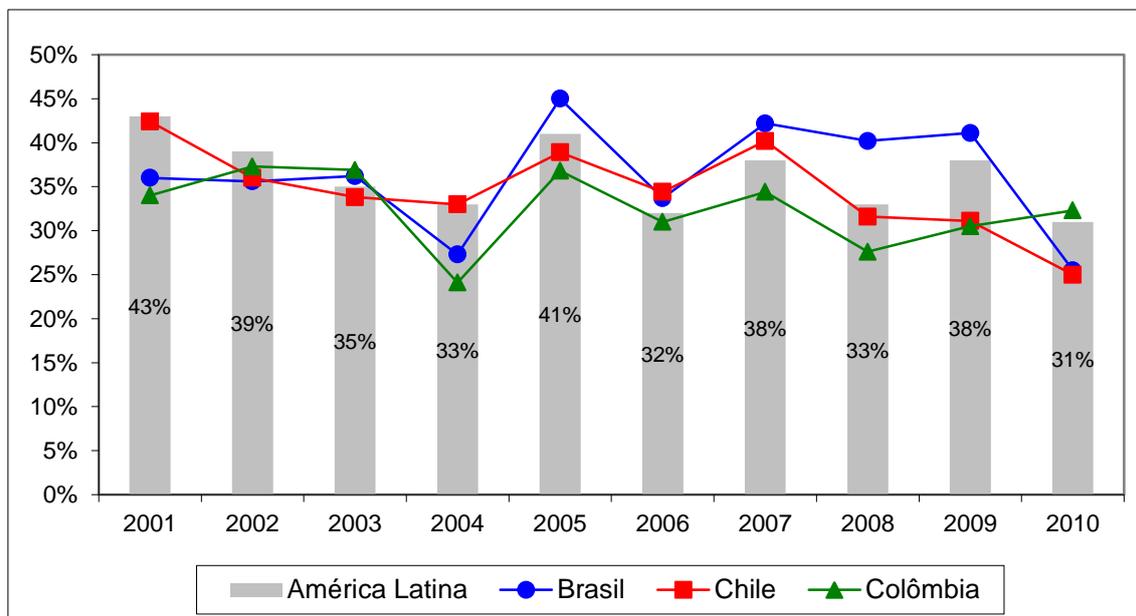
Fonte: PAHO - Brasil, Colômbia e Chile. Anos: 2001 a 2010.

Os dados de homicídios acabam não sendo suficientes para compreender o fenômeno da violência, pois estes não registram outras formas de manifestações da criminalidade como os casos de crime contra o patrimônio, agressões e etc., os quais, por sua vez, são mais adequadamente apreendidos em pesquisas de vitimização. Os dados dessas pesquisas ajudam a complementar os registros oficiais de crimes, pois estes têm como fonte o relato da própria vítima e/ou testemunha do delito.

Para evitar problemas metodológicos, em relação a comparabilidade dos dados do Brasil, Chile, Colômbia e América Latina sobre a vitimização, utilizamos os dados do survey de opinião Latinobarômetro para realizar a série de vitimização por roubo, furto, agressão e outros delitos. Este survey realizado ao longo dos anos 2000, abrangendo os países estudados e um total de 17 países latinos, apresenta um padrão de perguntas referente à vitimização. Este segue o modelo do questionário do Eurobarômetro, o que torna possível, por exemplo, a comparação entre países de continentes distintos. Utilizamos a seguinte pergunta: ¿Ha sido Ud.(1) o algún pariente (2) asaltado, agredido, o víctima de un delito en los últimos doce meses?(ESPERE RESPUESTA, SI DICE SI PREGUNTAR ¿UD. O UN PARIENTE? MARQUE UNA SOLA EN P73STM.A) [3], que nos permite analisar individualmente se o próprio entrevistado foi vítima de algum crime. A partir das respostas permitidas à pergunta do questionário deste survey, elaboramos a variável de vitimização que utilizamos em nossas análises. Suas categorias foram recodificadas, de modo que codificamos uma resposta onde apenas o respondente afirmava ter sido vitimizado, separando, em outra alternativa, as respostas que continham casos de familiar vitimizado e respondentes que não sofreram vitimização, permitindo que metodologicamente

fosse possível medir o perfil dos vitimizados sem a interferência das outras repostas, ou seja, isolamos a resposta dos entrevistados que sofreram algum tipo de crime.

Gráfico 2 - Taxa de Vitimização no Brasil, Colômbia, Chile e América Latina entre os anos de 2001 e 2010



Fonte: LatinoBarômetro [4] -Brasil, Colômbia e Chile. Anos: 2001 a 2010.

O Gráfico 2 aponta a evolução da vitimização entre os anos de 2001 e 2010 do Brasil, Chile e Colômbia indicando ainda a média do continente. Desta forma podemos observar que a evolução das taxas de vitimização dos três países não difere muito do restante da América latina. Tal como entre os próprios países, as taxas de vitimização no período analisados não variaram acima de 50%.

Na análise conjugada dos dois gráficos (1 e 2), podemos observar que no Brasil, as taxas de homicídio, que apesar de sofrerem baixas oscilações, continuam altas, apresentando um quadro similar em suas taxas de vitimização, também elevadas. Indicam-nos, portanto, uma grande incidência de crimes por morte violenta e também de crimes decorrente de assalto, agressão e outros delitos. Segundo WAISELFISZ, (2011), a redistribuição espacial da violência homicida, se dá por uma nova dinâmica da violência, através de um processo de desconcentração nas regiões metropolitanas para as do interior, contribuem para a permanência do nível elevado de homicídios. No Chile, predominam as mais baixas taxas de homicídio dentre os países analisados neste artigo, mas, em contrapartida possui taxas de vitimização tão elevadas quanto às do Brasil e Colômbia, mostrando um maior grau de ocorrência para crimes em geral do que por mortes violentas.

Tendo em vista as elevadas taxas de vitimização dos três países analisados, optamos por aprofundar a investigação para poder estimar o perfil das vítimas de delitos; como assalto, agressão, dentre outros, o que de outra forma, através dos registros de ocorrência, seria

improvável (BORGES, 2013). Assim, concentramos nossas atenções ao ano de 2009 para a elaboração dos determinantes de vitimização do Brasil, Colômbia e Chile. Pois, ainda que os dados mais recentes disponibilizados pelo survey sejam os do ano de 2010, a partir de 2009 podemos acompanhar uma queda das taxas de vitimização tanto no Brasil e no Chile quanto na América Latina, e um leve aumento nos dados da Colômbia [5], o que nos levou a apuração dos perfis para este ano, como veremos a seguir.

## 2. Determinantes de Vitimização do ano de 2009

A literatura criminológica trabalha tradicionalmente com algumas variáveis que interferem diretamente na análise sobre vitimização (SOARES, MIRANDA e BORGES, 2006), sendo assim, nos pautamos nas seguintes variáveis independentes para explicar a probabilidade de uma pessoa se tornar vítima de um delito: sexo, faixa etária, cor, estado civil, escolaridade, situação ocupacional e percepção do nível socioeconômico. E, juntamente a elas, partimos do modelo interpretativo proposto por COHEN, KLUEGEL e LAND, (1981), que propõe a teoria dos estilos de vidas e das oportunidades que facilitam à ação criminosa, esta considera alguns elementos para entender o perfil das vítimas, são eles: exposição, proximidade da vítima ao agressor, capacidade de proteção, atrativos das vítimas e natureza dos delitos. Dito isso, utilizaremos um modelo de regressão logística [6] para explicar a probabilidade de vitimização, considerando o perfil dos entrevistados [7]. Para realizar essas análises aplicamos a medida estatística Razão de Chances (*Odds Ratio*) [8], para auxiliar no entendimento dos coeficientes dos modelos. Entretanto, antes de analisarmos essa estatística, ressaltamos que a análise do modelo de regressão logística está condicionada ao nível de significância de 5%. Sendo assim, se o P-valor for maior do que 5%, significa que as diferenças entre as categorias da variável não são estatisticamente relevantes, logo, as variáveis cujos coeficientes não são significativos (P-valor > 0,05) se tornam impassíveis à análise.

Na ausência de um survey específico ao tema que abranja os países estudados, permitindo assim a comparabilidade entre os mesmos, optamos por utilizar as informações do Latino barômetro, pois, ainda que não tenha a vitimização como foco suas informações permitem uma análise metodologicamente adequada.

Para dar início a análise, optamos por criar a variável de vitimização a partir da questão do Latino barômetro: Você (1) ou algum parente (2) foi assaltado, agredido, ou vítima de um delito nos últimos doze meses? O survey contabiliza somente uma resposta; ou se o entrevistado foi vitimizado ou se algum parente foi vitimizado, nunca os dois. [9] E esta é dimensionada a partir das seguintes variáveis de controle: sexo, raça, faixa etária, escolaridade, estado civil, situação ocupacional e percepção do nível socioeconômico; como podemos observar na tabela 1.

Levamos em conta que as diferenças de comportamento entre homens e mulheres podem contribuir de forma significativa na composição do perfil de risco, a literatura indica que os homens são mais vitimizados que as mulheres (BORGES, 2013), entretanto, ao analisar o modelo de regressão logística da tabela a seguir a variável sexo não se mostrou significativa em nenhum dos países estudados. Este resultado pode nos indicar uma nova perspectiva no que se

refere a análise das diferenças entre os estilos de vida e a ao tipo de exposição dos homens e das mulheres a situações de risco.

Apesar da histórica desigualdade racial nos três países, vimos que a variável raça foi significativa apenas para os amarelos no Brasil (Tabela 1), fato que deve ser entendido com ressalvas visto que o tamanho desse grupo na amostra é inferior a 1%, levando a uma superestimação. Da mesma forma, isso vale para o Chile e Colômbia, ainda que não significativa, os valores amostrais sofrem do mesmo efeito.

MODELO DE REGRESSÃO LOGÍSTICA PARA ESTIMAR O PERFIL DE RISCO DE VITIMIZAÇÃO POR ASSALTO, AGRESSÃO E OUTROS CRIMES NO BRASIL, COLÔMBIA E CHILE NO ANO DE 2009.										
		BRASIL			COLÔMBIA			CHILE		
VARIÁVEIS INDEPENDENTES		COEFICIENTE (B)	RAZÃO DE CHANCE (EXP(B))	PVALOR (SIG.*)	COEFICIENTE (B)	RAZÃO DE CHANCE (EXP(B))	PVALOR (SIG.*)	COEFICIENTE (B)	RAZÃO DE CHANCE (EXP(B))	PVALOR (SIG.*)
SEXO	MASCULINO	,094	1,099	,634	,057	1,059	,788	,326	1,385	,086
	FEMININO	0	1		0	1		0	1	
RAÇA	NEGRO/MULATO	,276	1,317	,721	,037	1,038	,973	-20,279	1,559E-09	,999
	BRANCO	,480	1,616	,529	,558	1,747	,604	,661	1,936	,533

	ÍN DI O/ M E S T I Ç O	,908	2,480	,234	,256	1,292	,812	,434	1,543	,684
	A M A R E L O	2,621	13,744	,046	,969	2,635	,474	-20,496	1,255E-09	,999
	O U T R O S	0	1		0	1		0	1	
<b>FAIXA ETÁRIA</b>	0 A 20 A N O S	,227	1,255	,654	,631	1,879	,180	,372	1,451	,519
	21 A 40 A N O S	,256	1,292	,533	,499	1,647	,189	,367	1,444	,431
	41 A 60 A N O S	,059	1,060	,884	,322	1,380	,398	,191	1,211	,688
	61 O U M A I S	0	1		0	1		0	1	
<b>ESCOLARIDADE</b>	S E M E S C O L A R I D A D E	-1,987	,137	,002	-1,104	,332	,035	-1,406	,245	,178
	F U N D A	-,657	,518	,016	-,892	,410	,001	-,083	,921	,775

	MEN TAL									
	MÉDIO	-,224	,799	,409	-,399	,671	,122	,064	1,066	,783
	SUPERIOR	0	1		0	1		0	1	
ESTADO CIVIL	CASADO	-,965	,381	,001	,267	1,307	,520	,095	1,100	,759
	SOLTEIRO	-,724	,485	,033	,521	1,683	,236	,036	1,036	,920
	VÍDUO/ DIVORCIADO	0	1		0	1		0	1	
SITUAÇÃO OCUPACIONAL	EMPREGADO	-,368	,407	,692	,371	1,449	,405	-,071	,932	,840
	DESEMPREGADO	-,001	,999	,999	,337	1,401	,460	,018	1,018	,962
	APOSENTADO	-,1009	,111	,365	,567	1,764	,381	-,264	,768	,655

	ES TU D A N T E	0	1		0	1		0	1	
<b>PERCEPÇÃO DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO</b>	EXCELENTE	,914	2,495	,401	-,353	,703	,567	-,422	,656	,573
	BOM	,896	2,450	,394	-,449	,638	,388	-,255	,775	,556
	REGULAR	1,187	3,277	,259	-,440	,644	,393	-,497	,608	,231
	RUIM	1,305	3,686	,222	,122	1,129	,818	-,685	,504	,132
	PÉSSIMO	0	1		0	1		0	1	
<b>* NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA &lt; 0,05</b>										

No tocante a faixa etária, as diferenças de hábitos relacionados à idade costumam interferir inversamente no perfil de risco, considerando as oportunidades de crime e que indivíduos jovens passam mais tempo em locais públicos (COHEN, KLUEGEL e LAND, 1981). Em todos os casos estudados na Tabela 1 os testes demonstraram que as relações não eram estatisticamente significativas.

Sobre a interferência da escolaridade no perfil de risco, “indivíduos com mais escolaridade provavelmente auferem mais rendas do que os menos escolarizados, e são mais atrativos, pois exibem maior retorno esperado pelo crime, particularmente no caso de delitos com motivação econômica.” (BORGES, 2013)

Conforme podemos verificar na Tabela 1, os resultados para o Brasil e para a Colômbia se mostraram significativos para a variável escolaridade. Os indivíduos com mais escolaridade têm mais chances de serem vitimizados do que aqueles com menor escolaridade. Já no Chile essa variável não se mostrou significativa, conforme é possível verificar na tabela.

Refletindo sobre o papel dos diferentes estilos de vida decorrentes dos estados civis, “a relação esperada entre estado civil e os riscos de vitimização está diretamente ligada com o fator de exposição. Normalmente, se espera que os solteiros apresentem probabilidades mais elevadas de vitimização do que os casados.” (BORGES, 2013) No Brasil a variável estado civil foi significativa para solteiros e casados. Demonstrando que há uma reconfiguração nos estilos de vida dos indivíduos casados.

Por possuírem uma renda maior, sujeitos empregados são alvos mais interessantes para os crimes de fim econômico, ainda assim, a situação ocupacional não se confirmou como um fator preponderante, não sendo significativa em nenhum país estudado (Tabela 1).

Quanto à percepção do nível socioeconômico, observamos que esta não foi significativa estatisticamente para compreender o perfil dos vitimizados para nenhum dos países, uma vez que não apresentou nenhuma diferença expressiva entre as categorias que compõe a variável.

### Considerações finais

A partir deste estudo vimos que a violência e a criminalidade se confirmam como um grande problema nos países latino americanos, devido aos altos índices de mortes violentas, como no caso do Brasil e da Colômbia, e de vitimização por crimes em geral, elevada nos três países observados. O que demanda maior esforço por parte dos governos para a redução da letalidade e aumento da qualidade de vida de seus habitantes para que estes possam de fato se sentir seguros.

Ao compararmos as taxas de vitimização entre países, trazemos para o debate aspectos que não são tradicionalmente trabalhados ao se analisar o fenômeno da violência, uma vez que grande parte considera somente as taxas de homicídio (BORGES, 2013). Desta forma, optamos por apresentar uma evolução tanto das taxas de vitimização por homicídio quanto das de vitimização por outros crimes, mostrando que mesmo em países que possuem baixos números de homicídio, como o Chile, pode haver, também, uma forte predominância de crimes em geral compondo seus quadros de violência. Enquanto que, no Brasil e na Colômbia observamos que além da alta incidência dos crimes de morte violenta, existe uma elevada ocorrência de crimes de outras naturezas, tais como assalto, agressões e etc

Em nossa análise sobre determinantes da vitimização no ano de 2009, vimos alguns perfis de risco à vitimização. As variáveis estado civil e escolaridade foram significativas para o Brasil e a Colômbia, enquanto nenhuma variável se mostrou significativa pra o Chile. Ainda que o resultado tenha se mostrando um tanto incipiente fica clara a importância dos surveys de vitimização para viabilizar estratégias públicas mais efetivas.

Por fim, as informações fornecidas neste estudo podem servir para fomentar outras reflexões, trabalhos e discussões sobre o tema, e, fundamentalmente, para a organização políticas e estratégias que permitam reverter o quadro observado. 🌐

### [A1]

Tabela 1 - Taxa de homicídio no Brasil, Colômbia e Chile entre os anos de 2001 e 2010										
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
<b>Brasil</b>	26,4	26,93	27,41	25,7	25,06	24,81	24,55	25,17	26	26,2
<b>Colômbia</b>	79,91	82,85	73,17	69,09	57,8	56,32	55,77	55,07	60,36	53,1
<b>Chile</b>	5,36	5,31	5,18	5,28	5,79	5,57	4,72	4,49	5,31	4,54

## NOTAS

\*O autor e autora, à época da submissão, cursavam o 7º período do Curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob orientação dos professores Dorian Borges de Mello e Ignácio Cano, pertencentes a linha de pesquisa Sociologia Urbana e do Conflito.

[1] <http://ais.paho.org/hip/viz/basicindicatorbrowser.asp>

[2] Observar os dados da Tabela 1- Taxa de homicídio no Brasil, Colômbia e Chile entre os anos de 2001 e 2010, em anexo [A1].

[3] Livre tradução: Você(1) ou algum parente(2) foi assaltado, agredido, ou vítima de um delito nos últimos doze meses? (ESPERE RESPOSTA, SE DISSER SIM, PERGUNTAR: VOCÊ OU UM PARENTE? MARQUE UMA SÓ EM P73STM.A (ESPAÇO PARA MARCAR A ALTERNATIVA))

[4] <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>

[5] Ver gráfico 2.

[6] A regressão logística tem o papel de prever uma resposta binária a partir de um conjunto de dados que são dotados de valores. A predição é realizada através de uma função logística, que identifica o peso de cada um dos valores dentro de uma variável, ou seja, controlando o efeito de algumas variáveis podemos explicar a probabilidade do fenômeno da vitimização acontecer para um determinado grupo.

[7] Segundo BORGES, 2013, o uso desta técnica para ajustar modelos estatísticos permite identificar quais fatores explicativos possibilitam interpretar adequadamente o perfil do grupo com maior risco/probabilidade de se sentir inseguro/ e ou vitimizado, utilizando outras variáveis escolhidas a partir de testes de qualidade do ajuste. Tal procedimento permite obter uma medida de como essas variáveis influenciam a probabilidade de uma pessoa se sentir insegura. [Grifos nossos]

[8] CANO 2005, explica razão de chance como: “A razão de chances ou razão de possibilidades (em inglês: odds ratio; abreviatura O.R.) é definida como a razão entre a chance de um evento ocorrer em um grupo e a chance de ocorrer em outro grupo. Chance ou possibilidade é a probabilidade de ocorrência deste evento dividida pela probabilidade da não ocorrência do mesmo evento.”

Cano, I. “Medidas em Ciências Sociais” em de Mello e Souza, A. et Avaliação Educacional (org.) Editora Vozes. 2005. pg. 63-89

[9] Vide nota [3], anteriormente citada.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Andrea de Pilar Acero. **Descripción del Comportamiento del Homicidio**. Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses. Colombia, 2010.

BEATO, Cláudio; PEIXOTO, Betânia Totino e ANDRADE, Mônica Viegas. **Crime, Oportunidade e Vitimização**. IN: RBCS. Vol.19 nº 5. Junho/2004.

BORGES, Dorian. **Vitimização e Sentimento de Insegurança no Brasil em 2010: Teoria, análise e contexto**. IN: Dossiê – Análises Quantitativas e Indicadores Sociais 2176v18, nº1, p.141, 2013.

CANO, Ignacio e SANTOS, Nilton. **Violência Letal, renda e desigualdade no Brasil**. – 2ª Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CARNEIRO, Leandro Piquet. **Para medir a violência**. IN: Cidadania, Justiça e Violência. CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da e BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. Homicídios no Brasil. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

COHEN, L.E.; KLUEGEL, J.R.; LAND, K.C. **Social Inequality and Predatory Criminal Victimization: In Exposition and Test of a Formal Theory**. American Sociological Review, v. 46, n. 5, p. 505 – 524, 1981.

FRAGA, Paulo Cesar Ponte. **Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano.** IN: Narcotráfico e Violência no Campo. Ribeiro, Ana Maria e Iulianelli, Jorge, (orgs.). – Rio de Janeiro: Lamparina, 2000.

GAWRYSZEWSK, Vilma Pinheiro, SANHUEZA, Antonio, MARTINEZ-PIEDRA, Ramon, ESCAMILLA, José Antonio e SOUZA, Maria de Fátima Marinho. **Homicídios na Região das Américas: Magnitudes, distribuição e tendências- 1999 a 2009.** Revista de Ciências & Saúde Coletiva, 17 (12): 3171 – 3182, 2012.

MARINO, Juan Mario Fandino. **Ciclos históricos da Violência na América Latina.** IN: São Paulo Em Perspectiva, 18(1): 31-38, 2004.

RIBEIRO, Ana Maria e IULIANELLI, Jorge. **Introdução.** IN: Narcotráfico e Violência no Campo. Ribeiro, Ana Maria e Iulianelli, Jorge, (orgs.). Rio de Janeiro: Lamparina, 2000.

RIBEIRO, Eduardo e Cano, Ignácio. **Homicídio no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas.** IN: Homicídios no Brasil. CRUZ, Vinícios Gonçalves da e BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOARES, Gláucio Ary Dillon, MIRANDA, Dayse, BORGES, Doriam. **As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Não mataras: desenvolvimento, desigualdade e homicídios.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VILLAVECES-IZQUIERDO. **Focalizando a fluidez: as vias transversais do narcotráfico na Colômbia.** IN: Narcotráfico e Violência no Campo. Ribeiro, Ana Maria e Iulianelli, Jorge, (orgs.). – Rio de Janeiro: Lamparina, 2000.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Introdução, Notas conceituais e técnicas e Capítulo 2: Os Homicídios no Brasil.** IN: Mapa da Violência 2012: Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

Recebido em 20/03/2014

Aprovado em 22/06/2015